

O actor Rosa — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Poucos foram sempre, em todos os tempos e em toda a parte, os bons actores dramaticos; e mais raros ainda em Portugal, porque nunca houve aqui eschola que habilitasse, para tão laboriosa arte, os talentos ou aptidões que a ella se quizessem dedicar. A simples vocação, ou a necessidade de ter um modo de vida, é que tem povoado o palco dos nossos theatros.

Nem ensino nem premios tem até agora servido de diploma para o exercicio d'esta arte, como para outras se exige. Na pratica se formam, sem preparatorios, sem rudimentos, e muitos ha, ou houve, que no theatro aprenderam a ler por cima.

Entre nós o comediante não tem noviciado, entra logo para o sacerdocio. Começa ex-abrupto por actor de *epistola*, e muitas vezes não passa d'ahi... Comtudo póde dizer que *metteu a barba no calix*, porque lhe distribuem papeis que pertencem aos summos sacerdotes da arte.

Em tal desamparo da protecção tutelar do estado, por diminuto que seja o merito dos nossos actores em boa conta lh'o havemos de tomar, porque a seus proprios esforços o devem, pois nem uma cathedrilha tem a sua arte na universalidade dos estudos publicos.

Por isso quasi todas as biographias dos actores portuguezes consignam o facto de que o artista se dedicára na mocidade a *outra carreira*. Pois se ella não está officialmente estabelecida, como hão de os paes mandar os filhos a uma eschola que não existe? A incompleta e frustrada organisação do conservatorio dramatico, nunca se pôde tomar por um curso tal como a arte o requer para seu cabal desenvolvimento.

Seguindo a sorte de quasi todos os seus confrades, tambem o notavel actor cujo busto hoje reproduzimos em gravura, tinha outra vocação, e aprendeu outra arte diversa da que hoje exerce, posto que fosse de grande auxilio e haja dado muito realce ao seu talento dramatico.

O sr. João Anastacio Rosa nasceu com tal instincto para as artes de imitação, para a pintura sobre tudo, que destinando-o seus paes para o estado ecclesiastico, e depois para as sciencias medicas, porque não tinha vocação para padre, preferiu a sua propensão genial para as artes do desenho.

Um pintor que em 1828 emigrava de Lisboa para Hespanha, demorando-se algum tempo em Redondo, no Alemtejo, villa natal do nosso actor, ainda mais lhe incitou os fogosos desejos de ser pintor, com os desenhos que levava na sua pasta. Tinha então o sr. Rosa quinze annos.

As provas da sua habilidade para esta arte, dadas em pouco tempo de convivencia com o foragido pintor, decidiram seus paes a mandal-o para Lisboa cursar a aula regia de desenho estabelecida a esse tempo no Thesouro Velho. Aqui se matriculou, e estudou algum tempo, até que o engenheiro director, o bem conhecido marechal Raposo, em attenção ao merito do novo alumno, o mandou para o pala-

cio d'Ajuda, arbitrando-lhe um modico jornal, para ir praticar com o insigne pintor João da Cunha Taborda, que a esse tempo dirigia os trabalhos artisticos d'aquelle palacio. Alli trabalhou activa e proveitosamente, até que, restaurada a capital pelas tropas da rainha, e chamados para a defender todos os liberaes, o sr. Rosa, que o era, alistou-se n'um dos batalhões moveis de Lisboa.

Acabada a lucta, o nosso pintor voltou a tomar a palheta, não para continuar as obras d'Ajuda, que de todo cessaram, mas para tirar proventos da sua arte, fazendo retratos a oleo, no que ainda hoje é mui perito.

Pouco lucrativa foi sempre entre nós a profissão das bellas artes. E Rosa, que para todas as de imitação sentíra sempre egual tendencia, quiz experimentar se na de actor seria tão bem succedido como fôra na de pintor.

Era isto na conjunctura em que Almeida Garrett tentava restaurar o theatro nacional, organisando a companhia na rua dos Condes. Emilio Doux, nomeado director, annunciou que dava lições de declamação n'aquelle theatro para reforçar a companhia com actores novos. Rosa foi dos primeiros que acudiu ao chamamento.

Emilio Doux deu-lhe para estudar o papel de Buridan na *Torre de Nesle*, e com tal arte o declamou Rosa no exame final, que desde logo o quiz escripturar o director francez.

Hesitou porém o sr. Rosa em abraçar uma profissão ainda tão desconceituada, sem consultar a vontade de seu pae, e não menos a do venerando cardeal patriarcha D. fr. Francisco de S. Luiz, a cuja protecção viera recommendado. Este esclarecido prelado removeu as duvidas que se oppunham ao designio do nosso artista, e Rosa escripturou-se. Fez as suas provas publicas no papel de lord Clinton no drama *Maria Tudor;* mas a sua verdadeira estreia foi no de Peres do *Estudante de S. Cyro*, caracter atroz e sanguinario, tanto em moda nos dramas terriveis da eschola d'aquelle tempo.

A voz, o gesto, e o pavor que o sr. Rosa sabe dar á physionomia pela arte e propriedade com que se caracterisa, lhe grangearam n'este papel, no do *Mascara Negra*, do sr. Mendes Leal; no de Satanaz de *D. João de Maraña;* no Carregio de *Adelina de Ormilly*, e outros que taes de grande fama e applauso. Esta depravação da arte depravava e arrasava tambem os artistas. Custa-nos hoje a crer como tão facinorosa eschola subsistiu tanto tempo; e por que magia se multiplicavam as enchentes perante um palco que era alternativamente enxovia e cemiterio! Dando a estes papeis todo o caracter e indole que os auctores lhes imprimiam, o sr. Rosa adquiriu uma queixa de peito e de garganta, que chegou a prival-o da voz.

Impossibilitado de representar por muito tempo, recorreu ao remedio heroico das aguas mineraes de Cauterets, nos Pyreneos.

Alli se restabeleceu; e voltando para o theatro, que já estava limpo dos malfeitores que lhe iam cavando sepultura, o nosso actor tomou uma nova phase de representar; foi natural, reflexivo, interprete fiel das paixões que não repugnam á natureza nem á arte. No pae de *Jenny*, no Lombard do *Operario*, e no *conde Herman*, deu o sr. Rosa provas de que sabe representar assim.

Alguns annos depois do seu restabelecimento, em 1856, foi o sr. Rosa fazer uma viagem a Paris com o intento de ver representar os actores de nomeada nos diversos generos, para d'esta observação tirar proveito para seu estudo, e para a arte entre nós tão acanhada ainda.

Encaminhado por mr. Fournier, escriptor benemerito da litteratura portugueza, e por intervenção de Mirecourt, actor veterano do theatro francez, foi o nosso artista apresentado aos principaes representantes da scena franceza, travando relações com o mais insigne d'elles, o velho Sanson, perante o qual Rosa declamou a melhor scena do *Auto de Gil Vicente*, posta em francez pelo mesmo sr. Fournier. Uma carta mui honrosa para Portugal e para o nosso artista, que o celebre actor francez escreveu ao sr. Rosa, significa bem qual o conceito que d'elle fez aquelle insigne mestre.

Que o sr. Rosa tirou proveito d'esta sua viagem de estudo a Paris, viu-se na correcção e verdade com que elle então executou os papeis tão diversos, de duque de Albuquerque no *Rei e Duque;* de Carmoie na *Dalila;* de Athaide no *Cego;* de Estevão de Moura nos *Homens de Marmore;* do marquez de *la Seiglière*, e outros.

Para o comico tambem o nosso actor revelou então uma singular e não esperada habilidade, estreiando-se no engraçado papel de D. Taddeo do *Primo e o Relicario*, uma das creações mais jocosas e perfeitas do seu repertorio.

Não só como actor dá o sr. Rosa grande realce á companhia do theatro de D. Maria II: como sabedor das artes do desenho, por vezes tem sido encarregado do vestuario e scenario das peças historicas, taes como a *Prophecia* e a *Judith*, que lhe deveram o esplendor e propriedade com que foram postas em scena.

Tal é em resumo a biographia artistica do actor Rosa, cujo merito lhe tem grangeado um nome distincto, e cada vez mais as sympathias e applausos do publico.

O retrato que d'elle apresentâmos, foi copiado do medalhão que lhe cinzelou o mui esperançoso e festejado esculptor Victor Bastos.

A FILHA DO MAR

(CONTO VALENCIANO)

(Conclusão. Vid. pag. 138)

XIII

Rosa contou os tormentos da ausencia, a pureza do amor, e, a final, os seus tristes presentimentos.

— Tens padecido muito — disse-lhe Maria depois de escutar a historia de tão desgraçados amores, e acrescentou com amargura:

— Porém tu, ainda assim, tens a esperança de que algum dia...

— Não, não — replicou Rosa suspirando — tem havido um silencio que só a morte ou o esquecimento podem causar.

— Quem sabe?... Não desanimes...

Passou um momento sem que entre as duas se cruzasse uma só palavra.

Maria, a final, depois de fazer um esforço para conservar a serenidade do espirito que lhe faltava, continuou:

— Rosa, minha amiga, tambem soffri muito, porém, não ha esperança para mim; amei com a alma, com o amor que brota aos dezoito annos, com a paixão inextinguivel em cujo seio nascem zelos e desasocegos. O meu pensamento sempre n'elle; a minha ventura no seu olhar. Em cada pulsação uma lembrança. Acreditava n'elle com a fé das almas apaixonadas. Era a primeira vez que a meus ouvidos soava a voz do sentimento... Acreditei-o, porque era necessidade para mim crel-o; desejava com vehemencia um ente em quem depositar o amor

que encerrava meu peito, e n'este enlevo d'alma, consagrei-lhe quantos affectos havia em meu coração.

— Porém elle...— interrompeu Rosa com sollicitude.

— Jurou mil e mil vezes que me estimava, que era a unica mulher que lhe fizera comprehender a pureza do sentimento; a unica que lhe fazia ver na terra que a felicidade não era uma illusão. Recolhia aquellas consoladoras palavras como a flor, ao expirar o dia, recolhe em seu calix os ultimos raios do sol. Porém chegou um dia fatal, o da separação. Em Madrid esperava-o um futuro brilhante; n'aquella cidade devia continuar os estudos, e contemplar o esplendor da gloria para a ambicionar. Rosa, tu sabes o que é o primeiro e talvez derradeiro adeus. Para que renovar feridas cuja recordação faz sempre verter lagrimas?

Apartou-se do meu lado, e durante os tres primeiros mezes de ausencia, as suas cartas me traziam a consolação do espirito. Decorreu mais tempo, e não recebi uma sequer. Não ousei duvidar d'elle, Rosa; julgava offendel-o, e não me abandonou a esperança. Cheguei, em fim, a comprehender a sua indifferença; o seu desprezo era-me visivel. Senti despedaçar-se-me o coração, e seccarem-se-me os olhos. É grande, grandissima, Rosa, a dor que se padece, se nasce um dia em que não podêmos chorar; se a nossa amargura não derrama esse doce orvalho da alma que Deus nos legou para conforto.

Passaram bastantes annos, e ainda sentia recordações d'elle; a sua memoria fazia-me palpitar com violencia o coração. Succedeu que meu pae teve que fazer uma viagem a Madrid, e levou-me comsigo. Com que anxiedade desejava eu chegar á capital; e, por outro lado, que inquietação me atormentava!

— Chegámos a Madrid, e julgava encontral-o em todos os logares, em todos... Uma noite fui convidada para assistir a um baile de mascaras; e fui pela primeira vez.

— Rosa, Rosa — disse Maria chegando a este ponto — elle estava alli. O acaso, o destino ou a desgraça nos haviam reunido. Procurei envolver-me bem no dominó, e ajustava perfeitamente a mascara para não ser conhecida. Um secreto instincto, sem duvida, o guiava até mim. Offereceu-me o braço, e convidou-me para walsar com elle. Ao sentir o seu braço junto do meu, estremeci. Os meus labios não proferiram sequer uma palavra. Ia perder os sentidos... O ultimo recurso para que não descobrisse a commoção que experimentava, foi aproximar-me de uma antiga amiga de Alicante, que reconhecêra entre a numerosa reunião.

— Permitta-me, lhe disse sem saber como, porque vi agora uma das minhas boas amigas, e desejo fallar-lhe.

— Conhece-a? me perguntou elle com interesse.

— Sim; conheço-a ha muitissimo tempo.

— Ai, minha amiga, qual seria a minha angustia ao ouvir de seus labios o nome de «esposa» dado áquella mulher! Um grito de dor, que não pude conter no peito, resoou pelos ambitos do salão, e caí desfallecida. Ouvi, entre sonhos, o meu nome pronunciado pelos dois... e nada mais vi. Fui conduzida a casa em uma carruagem, e no dia seguinte meu pae determinou o nosso regresso.

— Vê, Rosa, vê se deverei afastar de mim qualquer esperança... A ti, porém, te digo que tenhas confiança; porque, em quanto esperares, terás alguma illusão n'esta vida. Quando o desengano vier ferir-te, basta que vejas a descarnada mão da realidade arrancar as flores que Deus fez brotar no caminho de tua existencia.

Em quanto os dois anjos iam conhecendo os tormentos que padece o coração que segue as illusões. outra scena, não menos interessante, se passava no escriptorio de Estevão.

O dialogo de Maria e Rosa fôra interrompido pela voz do negociante, que chamava agitadamente a filha:

— Maria!... Maria!...

As duas meninas correram apressadas a soccorrer Estevão, cuja voz suffocada as havia em extremo sobresaltado.

Vejamos o que succedia no escriptorio.

XIV

Pouco depois de Maria e Rosa haverem entrado no seu quarto, onde occorreu a scena que anteriormente presenciámos, appareceu um criado annunciando o capitão do brigue *Maria*.

Estevão saíu immediatamente da sala para o escriptorio.

O capitão era um moço de boa presença, elegante figura, posto que alguma coisa rude nos modos. A tez requeimada pelos raios do sol imprimíra-lhe certo ar de energia e força, ainda que a suavidade do olhar e a doçura do sorriso revelassem n'elle uma alma pura como a da criança.

Apenas Estevão entrou no escriptorio saudou cortezmente o capitão, o qual correspondeu com o sorriso nos labios, entregando-lhe uma carta e outros papeis.

Lida a carta, e depois de dirigir ao capitão um olhar, que bem explicava o effeito sympathico que produzira em Estevão o semblante do mancebo, disse:

— Deseja que se despache promptamente?

— Tão depressa como seja possivel, porque necessito ver minha pobre mãe. O sr. Estevão bem sabe o vacuo que se sente n'alma quando passa muito tempo sem ouvirmos a voz carinhosa da que embalou o nosso berço, sem encontrar o consolo do seu sorriso, sem beber em seu olhar a paz do coração.

— Ha muito tempo — perguntou Estevão — que saíu da patria?...

— Faz hoje dez annos que saí de Santa Pola.

— De Santa Pola! — repetiu Estevão com certa expressão de sentimento — Tristes recordações me traz á memoria o nome d'essa povoação. Em frente do seu pequeno porto me achava a bordo de um navio mercante que levava a Cadiz toda a minha familia, esposa, e duas meninas como dois soes. Sobreveiu um horroroso temporal, e o mar ameaçava as nossas vidas com altivas e enfurecidas ondas.

— Estavamos distantes da terra, e a noite fechou entre o estampido dos trovões e a pallida luz dos relampagos. Minha esposa implorando a clemencia divina, tendo nos braços as duas filhas; os marinheiros vagando pelo navio com aquella glacial serenidade que extasia, e murmurando para si, por entre o rugido das ondas, o nome da Estrella dos mares, da Salvadora dos navegantes, era um espectaculo que teria apavorado o homem mais animoso.

— Um grito despedaçador se ouviu, e um dos tripulantes exclamou com terrivel accento:

— « A embarcação faz agua!

— O vento impellia-nos com grande embate para o alto mar, e parecia impossivel salvarmo-nos. A tripulação percorria afanosamente a coberta; e eu vendo aquelles rostos, a principio serenos, e então lividos e desconcertados, não pude um instante duvidar de que estavamos perdidos.

— Os gritos de «soccorro» esgotavam debalde as nossas forças; o furacão assobiando nas enxarcias, as vagas quebrando-se nos costados da embarcação, e o retumbar do trovão confundiam as nossas vozes.

É preciso assistir a tão angustioso transe para o comprehender. Nem ha termos para o narrar.

— Ainda, porém, não nos havia chegado o fim da existencia. A misericordia de Deus quiz salvar-nos, e os nossos signaes de soccorro foram vistos por um bergantim que levava rumo contrario ao nosso, e resistia melhor aos embates do mar. De bordo do bergantim arriscaram-se a lançar um escaler fóra; nós arriámos a lancha, e a tripulação pôde salvar-se com muita difficuldade e penoso trabalho.

— Eu saltei ao escaler para n'elle receber o mais precioso thesouro que possuia. Minha esposa, auxiliada por um generoso marinheiro, descia, levando nos braços as duas meninas, a mais nova das quaes dormia tranquilla no seu berço de vimes. Mal entrára no escaler, quando enfurecida vaga nos passou por cima.

— Fiquei aterrado. Ouvi um gemido, e logo a voz de minha esposa que exclamava:

— Minhas filhas!...

— É escusado manifestar-lhe a dor que me atormentou. Avalia-a certamente. O intrepido marinheiro lançou-se á agua, mas em vão! A mais nova de minhas amadas filhas encontrára a sepultura nas ondas...

— Momentos depois achámo-nos a bordo do bergantim que nos conduziu a esta cidade, onde tive a desgraça de perder minha esposa.

— Permitte que lhe pergunte em que epocha succedeu o que me contou? — disse o capitão com interesse digno de reparo.

— Em a noite de 22 de dezembro de 1756.

— Justo Deus! não ha duvida — replicou o capitão tirando a carteira e consultando uma data.

Estevão observava maravilhado as alterações que se operavam no semblante do capitão, e não ousava dirigir-lhe a palavra.

— Está certo — tornou o capitão — está certo na data?

— Muito seguro... Acaso julga que se poderá obliterar da memoria de um pae?

— Pois affirmo-lhe que n'essa tempestuosa noite foi recolhida por um velho pescador, nas praias de Santa Pola, uma infeliz creaturinha que jazia, quasi exanime, no fundo de uma cesta de vimes. A pobre mulher, que me narrou este facto, via n'elle uma coisa providencial, um milagre da Virgem, porque mal se podia ouvir o vagido da menina por entre o espantoso fragor dos trovões e o bramir das encapelladas ondas.

Estevão levantára-se, pouco a pouco, da cadeira, e tornou a cair n'ella abatido pela forte e inesperada commoção que recebêra, balbuciando estas palavras: — Sim... sim... só a Providencia...

O capitão apressou-se em soccorrel-o sem que na casa notassem o transe. Voltando, em fim, a si, Estevão disse com indefinivel accento:

— Graças vos sejam dadas, meu Deus...

E em seguida percorreu, como louco, todos os angulos do escriptorio sem encontrar o cordão da campainha, perguntando ao mesmo tempo:

— Sabe com verdade, capitão?

— Sei que existe em Santa Pola, e alli a denominam *Filha do Mar*. E sei que é um anjo.

É impossivel descrever os transportes de alegria que o bom do pae lograva n'aquelle momento... O coração batia-lhe apressado; a respiração era agitada; as palavras saíam-lhe entrecortadas pelos suspiros!

— Maria! Maria! — gritava elle com voz abafada e fazendo soar a campainha.

Estes gritos pozeram termo á scena que anteriormente descrevemos.

Logo appareceram á porta do escriptorio, abraçadas, Maria e Rosa.

Rosa fitou os olhos no capitão...

Este empallideceu, as palpebras humedeceram-se-lhe, e logo exclamou:

— Rosa...

A este nome seguiu-se o de Lourenço pronunciado por ella, que soltando-se dos braços de Maria, estreitou a mão de seu amante. Lourenço não pôde conter-se mais tempo, e pronunciou commovido estas palavras:

— Tens alli teu pae.

Estevão correu vacillante aos braços da filha, que não podéra reprimir as lagrimas que lhe corriam em fio abafando-lhe a voz.

Inuteis seriam quantos esforços fizesse para descrever ao leitor amigo, a pathetica scena em que tão doces lagrimas se derramaram. N'ella encontraram as pessoas de que se compunha tão formoso quadro, um ponto de descanço no attribulado caminho da sua vida.

Passados os primeiros momentos de commoção, em que Estevão estreitára Rosa com frenesi, imprimindo-lhe nas faces mil beijos, é que Maria, exigindo uma parte em tão intimo prazer, recebia no torneado collo um dos braços de seu pae; e este, collocado entre aquelles dois anjos de amor e ternura, mostrava-se radiante de jubilo, como a arvore que, com protectora sombra, acaricia extenuados viajantes.

Lourenço, depois de um instante de silencio, dirigiu-se a Rosa, e estreitando nas suas as mãos d'ella, perguntou:

— E minha mãe?

Rosa murmurou uma palavra entre suspiros dolorosos...

Uma palavra que chegou ao coração do infortunado Lourenço, e lhe fez levantar os olhos para o ceo como procurando alli sua mãe.

— Capitão — disse Estevão offerecendo-lhe os braços — não ha na terra quem possa occupar o vacuo que nossa mãe ao morrer nos deixa n'alma; se alguma consolação, porém, lhe póde prestar o meu paternal affecto, além de amigo sincero, terá em mim um segundo pae.

— Agradecido, sr. Estevão; muito agradecido — respondeu Lourenço abraçando o negociante cheio da mais profunda afflicção.

XV

O consorcio de Rosa e Lourenço celebrou-se poucos dias depois, sem luxo, sem ruido, nem ostentação.

Felizes os que passam a vida sem se verem cercados pela turba de importunos e parasitas que constituem certa sociedade; e mais felizes ainda os que encontram inteiramente desembaraçado o caminho da existencia. Estes similham os cristallinos riachos que se occultam no seio da terra, e que só quando se extinguem, confundindo suas aguas com as do buliçoso mar, mostram a corrente, dando um eterno adeus ao mundo que lhes havia ignorado o tranquillo nascimento.

EPILOGO

Santa Pola é ainda tal qual a conhecemos anteriormente. Tudo se conserva na imperturbabilidade do que espera, sem se alterar, as occurrencias da vida quotidiana.

Podem as revoluções, agitando enormes azas, voar em torno das grandes povoações — alli não chegará o rugir de um povo enfurecido, nem o estrepito das armas alterará a tranquillidade d'aquelles logares abençoados de Deus.

A casinha branca, em que víramos entretecidos os martyrios e cravos, ha muito que está fechada,

e sêccas as flores, nem resto de vida poderia distinguir-se n'ella.

As mães, ao passar com seus filhos por defronte da mysteriosa casinha branca, referiam-lhes a singela historia da *Filha do Mar* como eu a narrei ao leitor.

Decorreu algum tempo, e a casa tornou-se a ver habitada.

O boato de que Lourenço regressára feito capitão de navios, divulgou-se no povo causando a admiração e regozijo de todos.

— Vamos vêl-o — diziam os mais arrebatados.

— Não se lembrará de nós — replicavam os mais desconfiados.

Foi, porém, certo que o capitão Lourenço abraçou os antigos companheiros, e se constituiu protector dos necessitados.

Os paes ensinaram os filhos a abençoar o nome d'aquelle antigo pescador.

....

Uma tarde, ao toque de ave-marias, viram-se duas pessoas entrar no pequeno cemiterio do povo, e depositar sobre dois tumulos, que estavam unidos, duas coroas de perpetuas.

Eram Rosa e Lourenço que dedicavam uma recordação á memoria de suas mães.

Em quanto a Maria, pôde felizmente encontrar um d'esses entes cujo destino é grangear a ventura da mulher com quem se liga.

Encontrou uma d'essas almas puras que fazem esquecer os desenganos, e em cujo seio tranquillo se respira ambiente perfumado pelas fl[illegible] da illusão.

Na mesma casa, em que havia ta[illegible] recordações para todos, se reuniu um dia a familia inteira, incluindo o esposo de Maria.

Os martyrios e cravos tornaram a florescer, afagados por suave brisa. Tambem parecia terem parte no jubilo d'aquelles bons corações.

Um personagem d'este conto passou despercebido aos olhos do narrador.

Marianna, a desventurada Marianna!

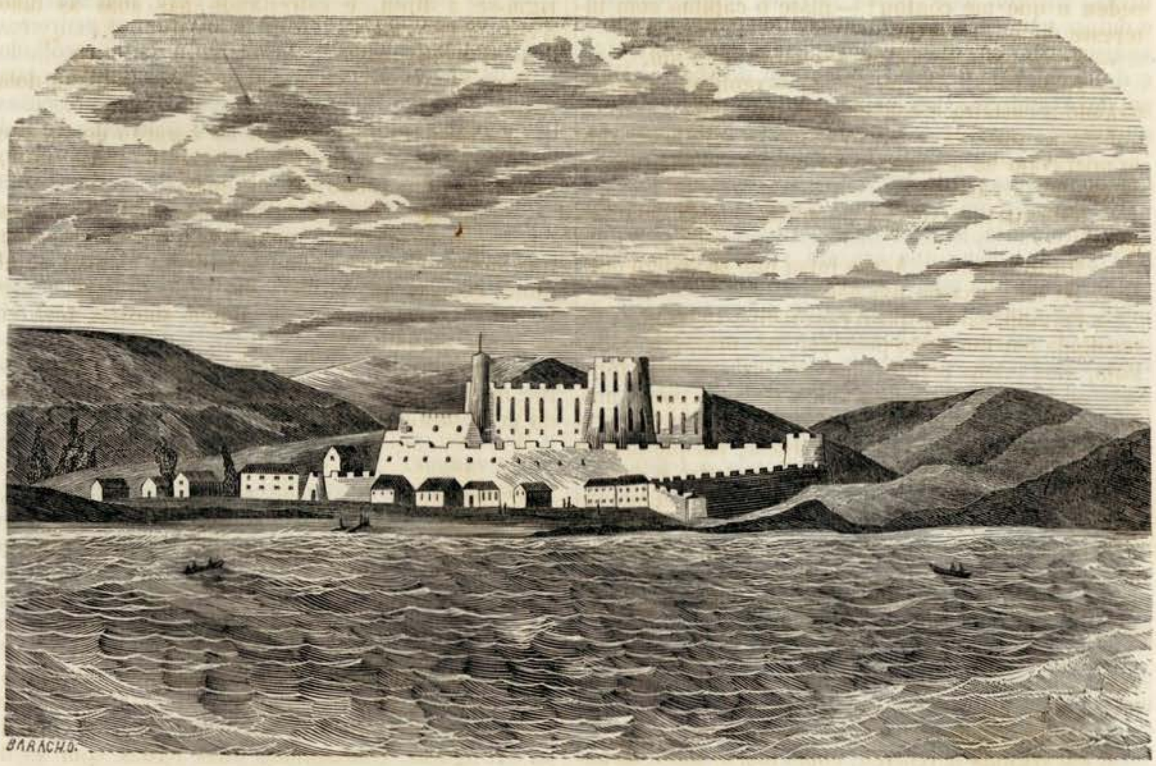
Os esposos perguntaram por ella, e souberam que havia tomado o véo das virgens do Senhor.

Não encontraria, certamente, outro asylo que, longe do mundo, lhe mitigasse a amargura da alma.

Elevando a Deus suas preces, recolhia no enfraquecido peito lagrimas que ninguem teria podido enxugar.

Marianna orava todos os dias pela ventura de seu primo, e o Senhor devêra attendel-a, porque lhe deu a ella o socego dos espiritos celestes, e a Lourenço a suprema felicidade na terra.

TRAD. DE BRITO ARANHA.



Castello de S. Jorge da Mina

El-rei D. Affonso v, proseguindo na conquista dos logares de Africa, começada por seu avô D. João i, tres vezes passou o Estreito com a flor da nobreza do reino, acompanhado de poderosa armada. Tomou Alcacer Ceguer, Arzila e Tanger.

Auxiliando os descobrimentos de seu tio, o grande infante D. Henrique, enviou muitas expedições para a costa da Africa occidental, entre ellas a de João de Santarem e Pedro de Escovar, seus cavalleiros e criados, os quaes, andando nas partes de Guiné a serviço de Fernão Gomes, tambem cavalleiro da casa del-rei, descobriram o resgate ou commercio do oiro, no sitio que por isso se chamou da Mina; resgate que o mesmo soberano deu de arrendamento ao dito Fernão Gomes por cinco annos, e certa somma annual para o estado, além da obrigação de descobrir quinhentas legoas pela costa adiante, começando na serra Leôa.

Estas expedições e conquistas lhe grangearam o cognome de *Africano;* e elle proprio accrescentou ao titulo de rei de Portugal e dos Algarves, estas palavras: *D'aquem e d'além mar em Africa.*

D. João ii, seu filho, não foi menos sollicito em continuar os descobrimentos, e conservar os que já

se haviam feito. Reconhecendo que o negocio de Guiné respondia com oiro, marfim, escravos, e outras producções que enriqueciam o seu reino, e cada anno se iam descobrindo novas terras, resolveu mandar fazer alli uma fortaleza para segurança do nosso commercio.

Sabendo (diz João de Barros) que na terra aonde acudia o resgate do oiro, folgavam os negros com pannos de seda, de lã, linho, e outras coisas do serviço e policia de casa; que em seu trato tinham mais claro entendimento que os outros d'aquella costa, e que no seu modo de negociar e communicar com os nossos davam signaes de facilmente receberem o baptismo, ordenou que a fortaleza se fizesse onde os nossos ordinariamente faziam o resgate do oiro, para que com esta isca de bens temporaes recebessem os da fé.

E dado que para esta obra da fortaleza houvesse em seu conselho contrarias opiniões, representando a distancia do caminho, e os ares da terra serem pestiferos á saude dos homens que lá estivessem, el-rei disse que Deus proveria n'esses inconvenientes, pois aquella obra se fazia em seu louvor, e para que os bons vassallos podessem fazer algum proveito, e tambem o patrimonio d'esse reino fosse accrescentado.

Decidido que se fizesse esta fortaleza, mandou o rei aperceber uma armada de dez caravellas e duas urcas, em que fosse pedra lavrada, telha, madeira e outras munições, com mantimentos para seiscentos homens, cem dos quaes eram officiaes para esta obra, e quinhentos de peleja. Capitão-mór dos navios Diogo de Azambuja, mui experimentado nas coisas de guerra.

A 19 de janeiro de 1482 chegou a armada ao logar onde se havia de fazer o castello.

Estava alli um navio portuguez fazendo resgate com Caramansa, senhor d'aquella terra; mandou-lhe o Azambuja dizer que era alli vindo com aquella grande frota que mandava el-rei de Portugal seu senhor, na qual vinha muita gente nobre para bem e honra de sua pessoa, como depois saberia; que lhe rogava houvesse por bem de se verem ao outro dia. Vinda a resposta de Caramansa, mostrando contentamento da chegada de Diogo de Azambuja, desembarcou este com toda a sua gente vestida louçãmente, e as armas secretas, para quando o tempo as pedisse. E da primeira coisa que tomou posse foi de uma grande arvore que estava n'um alto, na qual mandou arvorar uma bandeira das quinas, e ao pé d'ella armar um altar onde se disse a primeira missa n'aquellas partes da Ethiopia, a qual foi ouvida dos nossos com muitas lagrimas de devoção.

Acabada a missa, porque Diogo de Azambuja esperava por Caramansa, poz em ordem sua gente: elle sentado n'uma cadeira alta, com pelote de brocado, e um collar de oiro e pedraria, e os outros capitães todos vestidos de seda. A nossa gente assim ordenada fazia uma larga rua, por onde o Caramansa, que tambem queria mostrar seu estado, veiu com muito gentio posto em ordenança de guerra, com grande motinada de atabales, buzinas, chocalhos, e outras coisas que mais estrugiam que deleitavam os ouvidos. Os trajos eram os naturaes de sua propria carne, untados e mui luzidios: sómente as partes vergonhosas eram cobertas com pelles de bugios ou pannos de palma, e os principaes com alguns pintados. Geralmente, a seu modo, todos vinham armados, uns com zagaias e escudos, outros com arcos e coldres de frechas. Os que entre elles eram estimados por nobres traziam dois pagens atraz de si; um com um assento redondo de pau para se assentar onde quizesse, e outro o escudo da peleja, e estes nobres pela cabeça e barba traziam alguns arrieis (especie de anneis) e joias de oiro. O rei Caramansa, em meio de todos vinha coberto, pernas e braços, de braceletes e argolas de oiro, e ao pescoço um collar, do qual pendiam umas campainhas miudas, e pela barba umas vergas de oiro que lhe chumbavam os cabellos, que de retorcidos os faziam corredios.

A continencia de sua pessoa era vir com uns passos mui vagarosos, pé ante pé, sem mover o rosto a parte alguma.

Diogo de Azambuja, em quanto elle vinha com esta gravidade, esteve quedo em seu estrado, até que sendo já entre a nossa gente, se foi para elle, e juntando-se ambos, tomou Caramansa a mão a Diogo de Azambuja, e tornando-a a recolher, deu um trinco com os dedos, dizendo *bere, bere*, que significa *paz, paz;* e este trinco entre elles é o signal de maior cortezia que se póde fazer. Afastado o rei a uma parte, deu logar a que chegassem os seus a fazer outro tanto a Diogo de Azambuja. Acabadas estas ceremonias de cortezia, que duraram um bom pedaço, por ser muita a gente que trazia o Caramansa, e feito silencio, começou o nosso capitão, por meio de um lingua, a propor a causa da sua ida — que era levantar alli uma fortaleza, e baptisal-o na religião christã. Conveiu o Caramansa, depois de algumas reflexões, em que se fizesse a fortaleza, mas a respeito do baptismo não deu resposta.

Ao dia seguinte começou-se a obra, não sem que os negros se oppozessem, quando viram os pedreiros quebrar uns penedos que estavam no sitio escolhido para os alicerces, penedos que elles adoravam por divindades. Apaziguaram-se porém com os presentes que o nosso capitão lhes mandou distribuir, e tal despacho se deu á obra, que em vinte dias pozeram a muralha em boa altura, e a torre de menagem no primeiro sobrado.

Pela singular devoção que D. João II tinha ao defensor do reino, se chamou a esta fortaleza, castello de S. Jorge da Mina; e no anno de 1486, o mesmo rei por sua carta patente datada de Santarem, a fez cidade com as liberdades e privilegios do costume.

Depois da fundação d'este castello e cidade, D. João II juntou aos seus titulos o de *senhor de Guiné*. E porque da costa de Mina se extrahia muito oiro, mandou que d'elle se cunhasse a moeda denominada *portuguez*.

Esta nossa conquista floresceu por muitos annos, até que durante o infausto e atroz dominio de Castella, no tempo de Filippe IV, os hollandezes nos tomaram este castello, que ainda hoje conservam com o nome de El-Mina.

A gravura que d'elle aqui apresentâmos, foi copiada da que vem na obra do sr. F. Valdez, por nós já citada e louvada no antecedente numero.

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

(FRANCELIO VOUGUENSE)

(Conclusão. Vid. pag. 143)

IX

As felicitações jubilosas da cordialidade, patenteadas á chegada de Bingre por amigos e admiradores, foram provas nada equivocas do muito que a todos contristára o seu apartamento, e da alegria que sentiam em ter de novo junto a si aquelle que lhes era duplicadamente charo, pelas qualidades do coração e pelos dotes do espirito. A propria Arcadia, que em sua ausencia tocára de perto os ultimos paroxismos, como que viu reanimados por um pouco

os brios amortecidos, e apressou-se a celebrar uma sessão gratulatoria por tão plausivel motivo. Ahi se recitaram varias composições, bem expressivas do prazer que a todos inspirava o regresso de tão amavel consocio.

Oito ou nove annos viveu d'esta vez na capital o poeta com a esposa e filhos. Formado pela natureza e adestrado pelo estudo da arte, brilhando sobre tudo no campo do *improviso*, em que levava a palma aos outros competidores (excepção feita de Bocage, cuja superioridade no genero era mais que reconhecida para que consentisse rivaes), podéra julgar-se feliz, se os applausos prodigamente distribuidos ao seu estro, e as coroas apollineas com que não poucas vezes se recolhia victorioso dos certames, bastassem a supprir as necessidades instantes da vida real.

Porém de feito, os meios de existencia escasseavam em progressão decrescente, ao passo que iam multiplicando-se os triumphos ideaes; e em quanto o nome do *Cysne do Vouga* se espalhava honrado e glorioso sobre as azas da fama, o estado da sua fortuna encaminhava-se rapidamente da decadencia para a ruina total. Teve em fim de attentar por si, procurando na estabilidade de alguma situação menos precaria o refugio que havia mister contra a miseria que o ameaçava.

Não podendo talvez obter em Lisboa emprego accommodado á sua indole e circunstancias, houve de contentar-se, após longas diligencias, com uns officios subalternos de justiça, que a final lhe foram conferidos em Villa-nova d'Anços, povoação pouco arredada da sua patria. Não chegou comtudo a servil-os, por ter sido logo depois transferido para o de escrivão de orphãos no julgado de Ilhavo. Ahi estava em 1804, quando foi destituido por motivos que o seu biographo não soube dizer-nos. Parece que determinado então a vir á corte, com o designio de entrar de novo nas lides de requerente, fôra dissuadido d'esse intento pelo corregedor d'Aveiro, Florencio d'Abreu Perada, seu affeiçoado amigo, que lhe offereceu investil-o nos logares de escrivão do juizo, camara e tabellião de notas da villa de Mira. Acceita e realisada a offerta, o poeta tomou effectivamente posse d'estes cargos no anno seguinte, dando-se por despedido de Lisboa para sempre.

X

Entrado no exercicio de taes empregos, que seriam para outros, se não de todo antipathicos, ao menos difficeis de conciliar com o commercio das musas, entregou-se o nosso poeta ao desempenho das respectivas funcções com todo o zelo e inteireza proprios do seu caracter honrado. Não lhe faltavam aptidão e intelligencia; e para realçar estas qualidades, soube ainda alliar-lhes a prudencia e brandura necessarias para attrahir a si os animos discordes de gentes, na maior parte grosseiras, de rude trato, e o que mais é divididas por odios e malquerenças, como tantas vezes acontece nas pequenas povoações. Assim conseguiu estima, affeição e benevolencia de todos, grangeando, não obstante a sua probidade e desinteresse, com que sustentar-se decentemente, e prover á educação de seus filhos.

Bingre propendêra desde a mocidade para as idéas liberaes, disseminadas mais ou menos em toda a parte pela revolução de 1789. Não é pois de admirar, que saudasse com alvoroço enthusiastico o primeiro grito de liberdade proclamado no Porto em 24 de agosto de 1820. Muitas poesias compoz por esse tempo, e depois no curto periodo do regimen constitucional, das quaes umas se imprimiram, e outras correram manuscriptas. Em todas preconisava os principios de reforma, pintava com expressivas côres os abusos e desconcertos do governo passado, e encarecia os beneficios e vantagens que deviam resultar das novas instituições.

Fazendo assim profissão publica dos seus sentimentos, incorreu no desagrado dos fautores do antigo systema, e ficou necessariamente mal visto, quando pela restauração da monarchia absoluta retrogradaram as coisas ao estado anterior. Se ainda houve para com elle tal qual indulgencia no intervallo que mediou entre a quéda da constituição e a outorga da carta em 1826, não pôde escapar ás resultas da epocha de intolerancia e perseguição inaugurada dois annos depois. Ao fim de vinte e quatro de serviço effectivo, e contando para mais de sessenta e cinco de edade, foi expulso dos officios, no tempo em que elles se reputavam de propriedade vitalicia; e deveu talvez o não ser preso e tratado mais rigorosamente á influencia dos numerosos amigos que sempre conservára, e á impossibilidade de achar sombras de culpa no seu procedimento irreprehensivel.

Em taes circunstancias era mister que a resignação lhe servisse de conforto, ajudando-o a supportar com paciencia os golpes da adversidade. Privado dos meios de adquirir a subsistencia, quando os annos e os achaques precursores da velhice o impediam de procurar para a vida novos esteios, e baldadas as diligencias que empregou para obter a sua reintegração, Bingre teve de soccorrer-se ao pouco que lhe restava. Vendeu successivamente os bens que possuia em Canellas, e por fim os proprios moveis de casa. Exhauridos todos os recursos, entre as privações angustiosas do presente, e as esperanças e incertezas do futuro, viu correr dias amargurados, até que os acontecimentos deram nova face ás coisas politicas em 1834.

XI

Restabelecido o governo liberal, e consolidado o throno da senhora D. Maria II, parece que devia haver para com o pobre poeta, já n'esse tempo septuagenario, alguma contemplação, a que de certo lhe confeririam direito o seu talento, honradez e bons serviços, e mais que tudo a penuria e padecimentos que lhe acarretára a sua dedicação á causa que acabava de triumphar. Não aconteceu assim; nem lhe foram restituidos os officios, nem se lhe fez graça ou resarcimento. Se por ventura o requereu, é de suppor que obtivesse do ministro resposta similhante á que outro em caso analogo dera ainda ha pouco (segundo ouvimos) a um pretendente, expressa em bom portuguez, ou ao menos no que elle falla: *«Que o governo não lhe encommendára o sermão!»*

Uma larga vida é muitas vezes uma grande desgraça; e Francisco Joaquim Bingre, cuja existencia devia transpor a meta ordinaria do viver humano, estava fadado para deixar mais um nome inscripto no catalogo, já tão numeroso, dos homens illustres, victimas do desamor e ingratidão da patria a quem serviram. Se não lhe valessem na ultima quadra os soccorros com que charitativamente lhe acudiam alguns devotados amigos, teria sem duvida findado mais cedo os seus dias, a braços com a miseria, e talvez perecendo á necessidade!

Eis aqui como elle proprio se lastimava em uma carta que vimos de seu punho, escripta a José Maria da Costa em 1848, respondendo a outra em que este amigo lhe pedia noticias adequadas para preencher o capitulo, em que o seu nome tinha de figurar no *Ensaio biographico-critico dos poetas portuguezes:*

«Aqui estou viuvo ha vinte e cinco annos [1]; aqui

[1] Por esta carta é de crer que sua esposa falleceu no de 1823.

tenho enterrado muitos filhos e netos; aqui findarei os tristes dias de oitenta e cinco invernos, victima da fome e da penuria, com uma filha viuva e cinco netos, sem abrigo, senão o das carcomidas azas d'este desditoso velho!»

N'esse estado afflictivo, em que a lampada da vida se ia gradualmente extinguindo, rodeado de pezares e atormentado pelas dores de gota, que nos ultimos annos redobraram a intensidade, nem por isso abandonou jámais o commercio das musas, que lhe serviam de consolo e distracção em seus padecimentos. «Quando não podia escrever (copiâmos aqui as palavras do seu biographo, já por vezes citado), chamava para o pé de si seu neto, o sr. padre Francisco Cardoso Bingre, para lhe escrever não só os versos que tinha já meditado, mas tambem os que lhe ia dictando; tomando ordinariamente por assumpto, ou qual David deplorar os erros da mocidade, ou qual Jeremias lamentar os males da patria, que contemplava desolada.»

Conservou sempre perfeitas as suas faculdades intellectuaes, sendo inteiramente falso (segundo affirma o sr. Abreu) o boato, que em contrario se espalhou. Diz-se comtudo, que nos ultimos annos «chorava como uma criança quando via os amigos que o visitavam: repetia-lhes os versos que de fresco havia composto, e estimava conversar com elles em materias poeticas; dizia que isto lhe alliviava as suas magoas.»

Uma quéda, que em 28 de dezembro de 1855 deu ao descer da cama, o advertiu de que o seu fim estava proximo. Dictou varias cartas, e escreveu ainda algumas de mão propria, despedindo-se dos amigos, e rogando-lhes que se não esquecessem da sua alma. Em março de 1856 foi atacado de uma febre intermittente, que a medicina se esforçou em vão para debellar. Recebidos os soccorros espirituaes, que elle mesmo pedira com instancia, perdeu de todo o conhecimento, e expirou passados tres dias, a 26 do referido mez, quando contava 92 annos, 8 mezes e 17 dias de edade.

Era de estatura mediana, reforçado de corpo, testa espaçosa, olhos azues bem assombrados, e presença agradavel e sympathica. Affirmam testimunhas de vista, que nas occasiões em que improvisava os seus versos, apparecia completamente mudado. Tal era a alteração produzida nas feições por effeito do enthusiasmo que n'esses momentos o dominava!

XII

Quem pretendesse avaliar o merito poetico de Bingre pelas poucas poesias que d'elle existem até agora impressas [1], quer dispersas em collecções de jornaes, e nas obras de outros auctores, quer em separado (sendo d'estas a mais importante a escolha feita de algumas sob o titulo: *O moribundo Cysne do Vouga*, que se publicou seis annos antes da sua morte, no de 1850) achar-se-hia talvez embaraçado para justificar a fama e o credito de que elle gozou, attestados pelos louvores não suspeitos de parcialidade dos seus mais distinctos contemporaneos. Cumpre porém saber, que essas constituem apenas a minima parte das que deixára manuscriptas, e de que na biographia citada nos dá noticia o sr. C. L. de Abreu, em cujo poder se conservam. Da resenha apresentada vê-se que podem preencher nove tomos regulares em via de publicação, afóra as muitas que tem de ser postas de parte por diversas e especiaes considerações. N'aquellas comprehendem-se mais de mil sonetos; odes em todos os generos; psalmos; dithyrambos; canções; epistolas; elegias; idyllios; apologos; contos; epigrammas; madrigaes; satyras; metamorphoses, etc. Ha tambem um poema heroi-comico, intitulado *Momo;* outro apologetico, que se intitula *As mulheres*; *As sombras*, passeio phantastico; *O Democrito Mirense; Aventuras e cartas sentimentaes;* varios dramas heroicos e allegoricos; farças, entremezes, etc. etc. Se chegar a realisar-se a edição d'estas obras, já tentada por vezes, e que (segundo nos constou ha tres ou quatro annos) estava a final em caminho de vir á luz a expensas do sr. Sebastião de Carvalho e Lima, patricio do poeta, e zeloso da sua gloria, então poderão ser cabalmente apreciadas a vastidão do talento, e ainda mais a maravilhosa fecundidade do *Cysne do Vouga*.

Pela nossa parte, dâmos por terminada a tarefa a que nos propozemos. Não suspenderemos, comtudo, a penna, sem deixar aqui registado o sincero desejo de que por falta de favor e incentivo se não mallogre uma empreza quanto a nós altamente patriotica, e na qual julgâmos ver um valioso presente feito ás letras portuguezas.

I. F. DA SILVA.



Tronco de uma estatua antiga

O fragmento de estatua antiga, que representa a gravura junta, está mettido na parede externa de uma casa na praça do Sapal em Setubal, e pertence talvez ás escavações que por vezes se tem feito na antiga povoação romana chamada Cetobriga.

Com quanto os benemeritos fundadores da desamparada «sociedade archeologica lusitana» recolhessem cuidadosamente os valiosos objectos que d'alli se tem extrahido, muitos d'elles, antes da sua instituição, se malbarataram; e póde ser que este seja um d'elles.

Fique pois desenhado nas paginas do nosso *Archivo*, para que de todo se não perca a noticia d'elle, e se averigue se tem o merito e antiguidade que se lhe attribue.

[1] A relação de todas que vieram ao nosso conhecimento póde verse no *Diccionario Bibliographico*, tom. II a pag. 398 e 399.